

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
CURSO DE SEGUNDA LICENCIATURA EM HISTÓRIA PARFOR-
AUTAZES/MANACAPURU

Ata defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em História do Centro de Estudos
Superiores de Parintins, da Universidade do Estado
do Amazonas, realizado no dia 03 de agosto de 2026.

Aos 03 dias do mês de agosto de 2026, nas dependências do Centro de Educação de Tempo Integral – CETI Profa. Maria das Graças Lima de Melo, localizado na Rua Sérgio Mendonça de Ânimo S/n, Bairro Gilberto Mestrinho, no município de Autazes, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da discente **Regeane Nogueira de Araujo**, com o tema **MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**: narrativas de duas professoras da escola Ruy Alcântara de Albuquerque. As apresentações cumprem uma exigência do Projeto Pedagógico do curso para obtenção do grau de Licenciada em História. O Presidente deu início à sessão e informou sobre os procedimentos do exame de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Depois da apresentação, palavra foi facultada a discente para apresentar uma síntese do seu estudo e em seguida, foi arguida pelos membros avaliadores. Após a apresentação e arguição pelos membros da Banca avaliadora, esta se reuniu e considerou a discente Aprovada. A sessão foi encerrada. Eu, professor Franco Lindemberg Paiva dos Santos, secretariei e lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca avaliadora.

Franso L.P. Santos Nota (9,0)
Orientador Professor Franco Lindemberg Paiva dos Santos

Patrícia Rodrigues da Silva Nota (9,0)
Avaliadora Professora Patrícia Rodrigues da Silva

César Augusto Bubolz Queirós Nota (6,5)
Avaliador Professor César Augusto Bubolz Queirós

Média (8,2) Regeane Nogueira de Araujo
Acadêmica: Regeane Nogueira de Araujo



Centro de Estudos Superiores de Parintins
Estrada Odovaldo Novo, S/N - Djarde Vieira
CEP: 69.125-470 / Parintins - AM



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE HISTÓRIA – CAMPUS AUTAZES

REGEANE NOGUEIRA DE ARAUJO

**MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: NARRATIVAS DE DUAS
PROFESSORAS DA ESCOLA RUY ALCÂNTARA DE ALBUQUERQUE**

AUTAZES - AM
2026

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE HISTÓRIA – CAMPUS AUTAZES

REGANE NOGUEIRA DE ARAUJO

**MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: NARRATIVAS DE DUAS
PROFESSORAS DA ESCOLA RUY ALCÂNTARA DE ALBUQUERQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso em
História apresentado a Universidade do
Estado do Amazonas como requisito
parcial para obtenção do título de
**licenciada REGANE NOGUEIRA DE
ARAUJO** em História. Orientador: Prof.
Me.Franco Lindemberg Paiva dos Santos

AUTAZES - AM

2026

Ficha catalográfica gerada pelo autor

ARAUJO, Regeane Nogueira

MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: narrativas de duas professoras da Escola Ruy Alcântara de Albuquerque. Regeane Nogueira de Araujo—
Autazes, AM: UFAM, 2026.

20. folhas: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Amazonas, 2026.

Orientador: Pro(o).Me. Franco Lindemberg Paiva dos Santos

Palavra-chave: Educação do Campo, Memória e História.

REGANE NOGUEIRA DE ARAUJO

MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: NARRATIVAS DE DUAS PROFESSORAS DA ESCOLA RUY ALCÂNTARA DE ALBUQUERQUE

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Licenciado em História e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora da Universidade Federal do Amazonas.

Aprovado em _____ de _____ de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Franco Lindenberg Paiva dos Santos– Presidente/Orientador
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Profa. Dra. Patricia Rodrigues da Silva– Membro Externo
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Cesar Augusto Bubolz Queiroz – Membro Interno
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

RESUMO

Este trabalho nasce do desejo de dar voz à memória e à trajetória de vida de duas professoras da rede pública de ensino, cuja atuação se entrelaça com os processos e lutas da Educação do Campo. Mais do que registrar fatos, busca-se compreender as marcas deixadas pelo tempo, os desafios enfrentados, as conquistas celebradas e as transformações construídas ao longo de suas caminhadas docente.

Para tornar possível essa construção, optou-se pela metodologia da história oral, utilizando entrevistas narrativas como principal instrumento de pesquisa. A escuta sensível das experiências permitiu reconhecer que cada lembrança carrega significados profundos, revelando não apenas a formação profissional da educadora, mas também a constituição de uma identidade coletiva vinculada à escola e à comunidade.

As narrativas evidenciam que a escola do campo ultrapassa o espaço físico da sala de aula: ela se apresenta como território de resistência, de construção de saberes e de fortalecimento da identidade social. Assim, a memória da professora não é apenas individual, mas torna-se patrimônio histórico e pedagógico, contribuindo para a compreensão do papel transformador da educação na vida da comunidade.

Palavras-chave: Educação do Campo, Memória e História

ABSTRACT

This work emerges from the desire to give voice to the memory and life trajectories of two public-school teachers whose professional experiences are intertwined with the processes and struggles of Rural Education. More than simply recording facts, the study seeks to understand the marks left by time, the challenges faced, the achievements celebrated, and the transformations built throughout their teaching careers.

To make this study possible, the methodology of oral history was adopted, using narrative interviews as the main research instrument. Listening sensitively to these experiences made it possible to recognize that each memory carries profound meanings, revealing not only the educators' professional development but also the formation of a collective identity connected to the school and the community.

The narratives show that the rural school goes beyond the physical space of the classroom: it is a territory of resistance, knowledge construction, and strengthening of social identity. Thus, the teacher's memory is not merely individual, but becomes a historical and educational heritage, contributing to an understanding of the transformative role of education in the life of the community.

Keywords: Rural Education, Memory, and History.

INTRODUÇÃO

Falar de memória é falar de vida. Quando uma professora recorda seus primeiros dias de trabalho, os caminhos percorridos para chegar à escola, as dificuldades encontradas em sala ou a alegria de ver um aluno avançar, ela não está apenas contando uma lembrança pessoal. Está trazendo para o presente, parte de uma história que pertence também à escola e à comunidade. É nessa perspectiva que este trabalho se volta para as narrativas de Eliete Nakajima Carneiro e Ester Pereira de Almeida, professoras cuja trajetória está ligada à Escola Ruy Alcântara de Albuquerque, na comunidade Vila de Urucurituba, em Autazes, Amazonas.

As escolas localizadas em áreas rurais possuem relações próprias com o território, com o trabalho das famílias e com os saberes construídos pela comunidade. Por isso, compreender sua história exige olhar para além dos registros institucionais e escutar as pessoas que viveram esse cotidiano. Nesse sentido, a memória se torna uma importante possibilidade de conhecimento histórico. Barros (2004, p. 33) destaca a ampliação do campo historiográfico e a incorporação de sujeitos, práticas e experiências antes pouco visibilizados. As trajetórias das professoras, portanto, podem ser compreendidas como fontes para conhecer aspectos da educação que os documentos oficiais nem sempre registram.

Essa perspectiva também aproxima a pesquisa do pensamento de Paulo Freire. Para o autor (1996, p. 47), ensinar não significa simplesmente transferir conhecimentos; implica criar possibilidades para sua construção. Quando a professora adapta uma atividade, escuta o estudante ou procura compreender as condições em que ele vive, o ensino passa a dialogar com a vida concreta. Na zona rural, esse diálogo se torna especialmente importante porque o calendário da comunidade, o trabalho familiar, o transporte e as condições de acesso podem interferir diretamente na rotina escolar.

O estudo tem como objetivo geral compreender, por meio da história oral, como as memórias de duas professoras contribuem para a reconstrução da história da educação na zona rural de Autazes. Como objetivos específicos, busca-se identificar desafios presentes nas trajetórias docentes; analisar estratégias construídas diante das limitações encontradas; e refletir sobre a relação entre escola, famílias e comunidade.

A opção pela história oral surge do desejo de manter vivas as vozes que construíram essa caminhada educativa. As entrevistas aconteceram com Eliete Nakajima Carneiro, em 20 de janeiro de 2026, e Ester Pereira de Almeida, em 15 de fevereiro de 2026, ambas na comunidade Vila de Urucurituba. Os relatos foram analisados em diálogo com o referencial teórico, procurando aproximar memória, experiência docente e história da educação local.

Assim, este trabalho não pretende apresentar as dificuldades da escola rural apenas como ausência ou carência. O que aparece nas falas é também uma história de criação de possibilidades: professoras que ensinaram com poucos recursos, que atravessaram dificuldades de deslocamento, que trabalharam com turmas multisseriadas e que buscaram compreender o ritmo de vida de seus alunos. Humanizar essas experiências é reconhecer que a história da educação também se constrói nos gestos cotidianos de quem ensina, aprende, insiste e continua.

DESENVOLVIMENTO

A MEMÓRIA E A HISTÓRIA NA TRAJETÓRIA DAS PROFESSORAS

Guardar lembranças é preservar a própria vida. É permitir que saberes antigos atravessem o tempo e se encontrem com o que vivemos hoje. Nesta pesquisa, as lembranças de Ester Pereira de Almeida e Eliete Nakajima Carneiro ajudam a reconstruir parte da história da Escola Ruy Alcântara de Albuquerque e da educação vivida na comunidade de Urucurituba, em Autazes. As narrativas mostram que recordar não significa apenas voltar ao passado, mas dar sentido às experiências que marcaram a vida profissional e comunitária das professoras Ester e Eliete.

A Escola Municipal Ruy Alcântara de Albuquerque está localizada na Vila de Urucurituba, no município de Autazes, Amazonas, às margens do rio Madeira. Ao longo de sua história, consolidou-se como um importante espaço de formação para crianças e jovens da comunidade, acompanhando as transformações sociais e culturais do território. Atualmente, a comunidade abriga também uma aldeia indígena, reforçando a diversidade cultural da região.

Nos primeiros anos de funcionamento, a escola contava com apenas uma sala de aula em classes multisseriadas. As aulas eram ministradas no turno matutino, mas frequentemente se estendiam até as 14 horas. Muitos documentos da escola foram encaminhados à Secretaria Municipal de Educação de Autazes e se perderam ao longo dos anos. Assim, as narrativas das professoras tornam-se fontes históricas fundamentais. Conforme José D'Assunção Barros (2004, p.33), as memórias e experiências constituem importantes fontes históricas.

A realidade da escola evidencia a importância das políticas públicas para a educação na zona rural. Miguel Arroyo (2012, p.29) defende políticas que reconheçam os sujeitos do campo e suas especificidades, enquanto Roseli Salete Caldart (2004, p.149-150) destaca que a Educação do Campo deve ser construída com participação das comunidades e garantia de direitos.

A escola situada no campo representa muito mais do que um lugar onde acontecem as aulas. Para muitas comunidades, ela é um espaço de encontro, convivência e construção de sonhos. Escola Ruy Alcântara de Albuquerque carrega essa marca. Não é apenas um prédio com carteiras e quadro-negro: ela participa das alegrias, dificuldades e mudanças de todos ao seu redor. Para Miguel Arroyo (2004, p. 29), a educação do campo só faz sentido quando respeita o jeito de viver do lugar — não tenta transformá-lo em algo que ele não é.

A relação entre escola e comunidade aparece de forma muito presente nas narrativas das professoras Ester e Eliete. A realidade dos estudantes estava diretamente ligada à vida familiar e ao trabalho realizado na roça. Em determinados períodos, os alunos ajudavam seus pais nas atividades do campo e, por isso, muitas vezes chegavam cansadas à escola ou precisavam faltar durante a época da colheita.

Essa realidade mostra que a escola localizada na zona rural possui características próprias e não pode ser compreendida da mesma maneira que uma escola situada em uma área urbana. O calendário da comunidade, as condições das estradas, o período das chuvas e o trabalho das famílias influenciavam diretamente a frequência e a rotina dos estudantes.

A professora Ester recorda como muitos estudantes ajudavam os pais na roça e que, em determinados períodos, faltavam às aulas. Seu relato revela uma profissional que buscava entender a realidade dos estudantes e não olhar para eles apenas como alunos, mas como crianças que também faziam parte da vida e do trabalho de suas famílias.

Essa visão dialoga com que defende Paulo Freire (1996, p. 47), para quem ensinar não significa simplesmente entregar conteúdos prontos. O processo educativo precisa criar possibilidades para que o conhecimento seja construído em diálogo com o mundo vivido. Nas experiências das professoras, isso aparece quando elas partem do que as crianças sabem, vivem e trazem de casa para encontrar caminhos de aprendizagem.

Também é possível relacionar essa compreensão às reflexões de Roseli Salete Caldart (2004, p. 149-150), que defende uma educação pensada a partir do lugar onde os sujeitos vivem, com sua participação e vinculada à sua cultura e às suas necessidades. Assim, a escola da zona rural não pode ser entendida apenas como uma versão reduzida da escola urbana; ela possui dinâmicas, necessidades e saberes próprios.

Ao observar essas experiências, percebe-se que a memória das docentes ajuda a compreender a escola como parte da própria história da comunidade. Suas lembranças registram mudanças, dificuldades, relações de solidariedade e formas encontradas para manter a educação acontecendo. Nesse sentido, preservar essas vozes também significa preservar uma parte da história local.

AS MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS: como parte da história da escola

Começamos com as narrativas das professoras Eliete Nakajima Carneiro e Ester Pereira de Almeida duas histórias de mulheres que dedicaram parte de suas vidas à educação. Suas trajetórias são diferentes, mas se aproximam pelo compromisso com os estudantes e pela disposição para enfrentar os desafios encontrados no caminho.

Ao compartilharem de suas experiências, as professoras não apresentam apenas uma sequência de acontecimentos. Suas lembranças são carregadas de sentimentos, lembranças e significados. Cada uma delas traz consigo uma história construída ao longo de anos de trabalho, convivência e aprendizagem. Essa situação pode ser relacionada ao pensamento de Paulo Freire (1996, p. 47), quando afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Essa ideia fica clara no dia a dia vivido pela professora Ester. Compreender que os alunos ajudavam seus pais na roça e que, em determinados períodos, chegavam cansados ou precisavam faltar às aulas significava reconhecer a realidade desses estudantes antes de julgá-los ou exigir comportamentos que não cabiam àquele modo de vida.

A própria professora resume esse entendimento ao afirmar: “Os alunos ajudavam os pais na roça. Chegavam cansados, alguns faltavam na época da roça. Não dava para exigir como se fosse escola da cidade”. A frase é valiosa porque mostra, de forma simples e direta, como a vida comunitária entrava diariamente na escola.

O relato da docente dialoga com a perspectiva de Paulo Freire (1996, p. 23), para quem “não há docência sem discência”. A partir dessa compreensão, ensinar exige também aprender com os estudantes e com a realidade em que estão inseridos. A professora Ester, ao reconhecer as condições de vida de seus alunos, demonstra uma prática pedagógica baseada na escuta e na compreensão da realidade.

Nesse sentido, a experiência da professora mostra que o processo educativo não acontece separado da vida. Os estudantes chegam à escola trazendo consigo suas histórias, seus conhecimentos e suas experiências familiares. Como destaca Freire (1996, p. 47), o educador precisa criar possibilidades para a construção do conhecimento, e não apenas transmitir conteúdos prontos.

O percurso da Professora Eliete começa com carinho e respeito do início na docência, especialmente em uma turma multisseriada, onde cada dia representava uma nova lição, não só para os alunos, mas para ela mesma. Foi um tempo de descobertas, adaptações e, principalmente, de muito crescimento pessoal e profissional. Quando ela se lembra daquele período, não há espaço para amargura ou ressentimentos. O que prevalece é uma profunda consciência do caminho que trilhou, das batalhas que enfrentou e das vitórias que conquistou, mesmo que pequenas.

A história da Professora Eliete também revela a multiplicidade de responsabilidades assumidas no cotidiano da escola. Além de exercer a função docente, ela também atuava como merendeira e gestora, acumulando diferentes tarefas para garantir que a escola funcionasse e que os alunos fossem atendidos. Essa realidade demonstra que, na zona rural, o trabalho da professora muitas vezes ultrapassava os limites da sala de aula.

Era preciso ensinar, organizar a rotina escolar, zelar e cuidar da alimentação dos estudantes e lidar com as demandas administrativas da instituição. Mais do que uma sobrecarga de funções, essa experiência evidencia o compromisso de Eliete com a comunidade e com a permanência da escola como espaço de aprendizagem, cuidado e acolhimento.

Além de ser multisseriada e ser na zona rural, não foi fácil lidar com essa turma. Um dos momentos mais marcantes da entrevista é quando a Professora Eliete relembra o início em uma turma multisseriada com 52 alunos:

“[...] fui convidada para lecionar aula para uma turma de 52 alunos. Para mim foi um desafio. Ensinar essas crianças, porque não aguentavam professor, os alunos eram rebeldes. Além de ser multisseriada e ser na zona rural, não foi fácil lidar com essa turma. [...] muita das vezes ultrapassava meu horário de aula, ia até 14 horas da tarde para poder pegar a lição de todos” (CARNEIRO, 2026).

Segundo seu relato, era necessário explicar o conteúdo para um grupo enquanto os demais realizavam outras atividades. Isso exigia planejamento, organização diferenciada, paciência e muita dedicação. Em alguns momentos, seu trabalho ultrapassava o horário previsto, pois permanecia na escola até conseguir acompanhar as atividades de todos os alunos.

A experiência vivenciada por Eliete pode ser compreendida também a partir das contribuições de José D’Assunção Barros, quando o autor destaca a ampliação do campo historiográfico e a valorização de sujeitos e experiências que anteriormente permaneciam à margem das narrativas tradicionais. Para Barros (2004, p. 33), a ampliação do campo da História permitiu incorporar “o cotidiano, as práticas culturais e as trajetórias individuais” como elementos importantes para compreender a realidade social.

Desse modo, a trajetória de Eliete não representa apenas uma dificuldade pessoal ou profissional. Seu relato revela as condições concretas em que a Educação no Campo acontecia e permite compreender uma parte da história da educação que dificilmente seria percebida somente por meio de documentos oficiais.

Conforme José D’Assunção Barros (2004, p.25):

História, enquanto campo de saber, constitui-se a partir de escolhas, delimitações e problematizações. O historiador não trabalha com o passado em si, mas com representações e vestígios que precisam ser interrogados. O campo da História é, portanto, um espaço de construção, no qual diferentes perspectivas disputam sentidos e interpretações acerca das experiências humanas.

Nesse sentido, ouvir as professoras Eliete e Ester significa reconhecer suas memórias como fontes importantes para compreender a história da Educação do Campo na comunidade.

Ao mesmo tempo, o que viveu da professora Eliete se alinha ao pensamento de Paulo Freire (1996, p. 23), especialmente quando compreendemos que o processo de ensinar também envolve aprender com os estudantes. Diante de uma turma tão numerosa e diversificada, não havia uma única maneira de ensinar. Era necessário observar, compreender, adaptar e buscar diferentes caminhos para que cada aluno pudesse avançar em sua aprendizagem.

Essa vivência mostra que a prática docente era construída diariamente. Não existia uma fórmula pronta para resolver todas as situações. Era preciso experimentar, adaptar e, muitas vezes, começar novamente. Nesse sentido, a experiência de Eliete se aproxima do pensamento de Freire, de que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25).

O relato da professora Eliete também traz um aspecto muito humano da profissão. Apesar das dificuldades, ela afirma: “Apesar de eu passar por problemas, para mim foi prazeroso, porque no início do ano eu sentia dificuldade, mas via o resultado no final.”

Essa lembrança mostra que a satisfação de ensinar não estava na ausência de problemas, mas na possibilidade de perceber que todo aquele esforço havia produzido resultados na vida dos alunos. O aprendizado das crianças dava sentido às dificuldades enfrentadas durante o caminho.

Essa dimensão da docência pode ser relacionada ao pensamento de Paulo Freire (1996, p. 72), quando destaca a importância da esperança na prática educativa. Para o autor, ensinar exige acreditar na possibilidade de mudança e transformação. Na trajetória de Eliete, essa esperança aparece quando as dificuldades enfrentadas no início do processo são superadas pela alegria de perceber o desenvolvimento dos estudantes.

As duas trajetórias mostram, portanto, que ensinar significava aprender continuamente com aquilo que acontecia. As professoras precisavam lidar com situações inesperadas, rever estratégias e reconhecer que cada estudante apresentava necessidades diferentes. Nesse sentido, a experiência profissional não

foi construída somente por cursos e conhecimentos prévios, mas também pelas relações estabelecidas no cotidiano da comunidade.

A esperança também aparece nas lembranças de Eliete. Mesmo reconhecendo as dificuldades enfrentadas, ela afirma que a experiência era prazerosa quando percebia os resultados alcançados pelos estudantes (CARNEIRO, 2026). Essa percepção se aproxima da ideia de esperança como dimensão da prática educativa presente em Freire (1996, p. 72), pois o esforço de ensinar ganha significado quando o educador acredita na possibilidade de aprendizagem e transformação.

OS DESAFIOS VIVIDOS PELAS PROFESSORAS ELIETE E ESTER NA ESCOLA DA COMUNIDADE DE URUCURITUBA.

As histórias das professoras revelam que trabalhar na zona rural significava enfrentar obstáculos que iam muito além da sala de aula. Havia dificuldades dos mais variados tipos, entre eles a falta de recursos e estrutura, como estradas que nem sempre permitiam a passagem do transporte e, além de poucos recursos para preparar as atividades e turmas que exigiam atenção redobrada. Por trás de cada uma dessas dificuldades havia pessoas tentando fazer a escola acontecer, mesmo quando as condições pareciam dizer o contrário.

Uma das docentes recorda que, em determinados momentos, era necessário caminhar para buscar a merenda e até mesmo para resolver questões relacionadas ao pagamento. Em determinados momentos, a estrada ficava tomada pela lama e pelos buracos, e o ônibus não conseguia avançar. Quando isso acontecia, era preciso seguir a pé para resolver estas situações.

A dificuldade era porque a Secretaria, antigamente, não tinha as condições que tem hoje. Era muito difícil as coisas. A gente não tinha estrada adequada, não tinha carro. Muitas vezes o caminho que a gente andava era a pé. Íamos buscar a merenda e o pagamento do mês e muitas vezes éramos obrigados a caminhar por conta da estrada ruim cheia de buracos e o ônibus não conseguia passar ficava atolado na lama. [...] os materiais escolares eram precários só Tinha mimeógrafo, giz e quadro.”

Essas lembranças revelam uma realidade difícil, mas também mostram a força e a dedicação das professoras. Mesmo diante dos obstáculos, elas continuavam realizando seu trabalho e buscando garantir o funcionamento da escola. Essa

experiência permite compreender que as condições de também fazem parte da história da educação. A reflexão de Arroyo (2012, p. 29) contribui para essa leitura ao defender um olhar que reconheça as condições concretas em que os sujeitos do campo vivem e constroem seus direitos. Outra dificuldade aparecia na falta de materiais. Conforme a professora, os recursos disponíveis eram precários: principalmente mimeógrafo, giz e quadro (CARNEIRO, 2026). Muitas atividades precisavam ser preparadas manualmente, e o pouco que existia precisava ser aproveitado da melhor maneira possível.

Era necessário pensar, improvisar e aproveitar cada recurso disponível. Talvez fosse justamente nesse esforço diário que a criatividade da professora se revelasse com mais força: diante de pouco, ela procurava fazer o possível para que seus alunos não recebessem menos oportunidade de aprender.

Nesse ponto, o pensamento de Freire (1996, p. 47) ajuda a compreender que a ação docente não se resume à transmissão mecânica de conteúdo. O educador cria possibilidades para a aprendizagem e, mesmo diante de condições difíceis, busca maneiras de envolver os estudantes na construção do conhecimento. No caso das professoras Ester e Eliete, essa capacidade de criar alternativas ajudou a manter vivo o trabalho pedagógico.

As turmas multisseriadas constituíram outro desafio. A experiência de Eliete com 52 alunos revela a dimensão da responsabilidade que ela carregava diariamente. Eram crianças de diferentes séries e níveis de aprendizagem reunidas no mesmo espaço. Para atender a todos, a professora precisava dividir o tempo, organizar atividades distintas e acompanhar vários grupos ao mesmo tempo (CARNEIRO, 2026).

Por trás dessa organização havia muito mais do que planejamento: havia paciência para explicar novamente, atenção para perceber quem precisava de ajuda e disposição para continuar até que os alunos avançassem. Embora o modelo apresentasse dificuldades, também criava oportunidades de cooperação, pois crianças com diferentes conhecimentos conviviam, ajudavam umas às outras e compartilhavam aprendizagens.

Outro ponto importante era a relação entre a frequência escolar e o trabalho familiar. Como relatou a professora Ester, alguns estudantes ajudavam os pais na roça e, em certos períodos, chegavam cansados ou precisavam faltar às aulas (ALMEIDA, 2026). Para a professora, isso significava olhar para além da falta

registrada no diário e tentar compreender o que estava acontecendo na vida daquele aluno.

Ao compreender essas condições, a professora demonstrava que o ensino precisava dialogar com o contexto dos estudantes. Freire (1996, p. 23) lembra que “não há docência sem discência”, reforçando a ideia de que ensinar também envolve aprender com os sujeitos e com a realidade em que estão inseridos. Nesse caso, olhar para a criança significava reconhecê-la como parte de uma família, de uma comunidade e de uma história.

Caldart (2004, p. 149-150) também contribui para essa compreensão ao defender uma educação vinculada ao lugar, à cultura e à participação dos sujeitos. Assim, as experiências do cotidiano não precisam ser apagadas para que a aprendizagem aconteça. Ao contrário, podem se tornar ponto de partida para práticas educativas mais próximas da vida comunitária.

Assim, os desafios identificados nas entrevistas não devem ser vistos apenas como marcas de carência. Eles revelam também resistência e cuidado. Caminhar por estradas difíceis, preparar atividades com poucos recursos, organizar uma turma numerosa e compreender o cansaço de uma criança eram gestos cotidianos que mostram o quanto essas mulheres se dedicaram para que o ensino continuasse acontecendo.

A perspectiva de Barros (2004, p. 33) ajuda a perceber a importância histórica dessas experiências. Ao registrar o cotidiano das professoras, a pesquisa torna visíveis práticas, sentimentos e dificuldades que poderiam permanecer esquecidos. As memórias, portanto, não servem apenas para recordar; elas ajudam a compreender como a educação foi vivida em determinado tempo e lugar.

MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA LOCAL

Quando as professoras relembrem suas trajetórias, aparece uma combinação de dificuldades e afetos. O passado não é lembrado apenas pelas limitações, mas também pela satisfação de perceber o crescimento dos estudantes. A memória de Eliete, por exemplo, mostra que o esforço de um ano inteiro ganhava sentido quando ela percebia os resultados alcançados pela turma (CARNEIRO, 2026).

Essas lembranças ajudam a perceber que a educação é construída também por pequenas conquistas. Aprender a ler, compreender uma atividade, participar da

aula ou avançar no processo escolar pode parecer simples quando visto de fora, mas possui grande significado para quem acompanhou cada etapa. Ao valorizar essas experiências, a pesquisa aproxima a história da educação da vida cotidiana.

Nesse sentido, Rüsen (2020) contribui para pensar a consciência histórica como uma relação entre experiências do passado e interpretações que orientam a compreensão do presente. As memórias das professoras não são apenas registros de acontecimentos; elas permitem perceber mudanças, permanências e sentidos construídos ao longo da trajetória da escola.

As narrativas também revelam resistência. Resistir, nesse contexto, não significa somente enfrentar dificuldades materiais. Significa continuar acreditando no trabalho educativo, criar alternativas e permanecer comprometido com os estudantes mesmo quando as condições não são favoráveis. Essa dimensão humana aparece nas falas das entrevistadas e dá profundidade à história da instituição.

Ao registrar essas experiências, a pesquisa contribui para preservar uma memória que pertence às próprias professoras, mas também à comunidade. Suas trajetórias ajudam a compreender como a escola foi sendo construída por pessoas concretas, com seus esforços, sentimentos, escolhas e aprendizados. A história local, desse modo, é enriquecida quando as vozes de quem viveu esse processo são incorporadas ao trabalho histórico.

Para Barros (2004, p. 25), ampliar o olhar historiográfico significa reconhecer diferentes sujeitos, experiências e espaços como parte da construção do conhecimento histórico. Nesse estudo, isso se realiza por meio da valorização das narrativas de Eliete e Ester, transformando suas lembranças em fontes para compreender a educação na zona rural de Autazes.

A pesquisa também evidencia que a escola possui uma dimensão comunitária. Ela não está separada da vida social, das famílias e das experiências compartilhadas no território. Por isso, compreender sua história exige observar as relações que se formaram ao seu redor. Arroyo (2012, p. 29) reforça a importância de pensar a educação a partir dos sujeitos e das condições concretas de existência.

Dessa maneira, a memória docente se transforma em patrimônio histórico e pedagógico. Guardar essas histórias significa reconhecer o trabalho de mulheres que contribuíram para a formação de crianças e para o fortalecimento dos vínculos comunitários. Significa também permitir que as gerações atuais conheçam os caminhos percorridos para que a escola chegasse ao presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender, por meio das narrativas de Eliete Nakajima Carneiro e Ester Pereira de Almeida, aspectos da memória da educação na zona rural e da trajetória docente na Escola Ruy Alcântara de Albuquerque, em Autazes/AM. A utilização da história oral possibilitou aproximar a pesquisa das experiências vividas e valorizar a voz de duas educadoras que participaram diretamente da construção dessa história.

Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a trajetória dessas professoras foi marcada por desafios concretos. As estradas em más condições, as dificuldades de transporte, a escassez de materiais e o trabalho com turmas multisseriadas fizeram parte de um cotidiano que exigia esforço e criatividade. As entrevistas mostram, porém, que essas limitações não definiram completamente a experiência docente. Ao lado das dificuldades existiram compromisso, solidariedade, aprendizagem e esperança.

A experiência de Eliete com uma turma de 52 alunos mostrou o quanto a docência exigia organização e dedicação. Sua disposição para permanecer além do horário e acompanhar os estudantes revela um envolvimento que ultrapassava o cumprimento de uma tarefa. Já o percurso de Ester evidenciou a importância de compreender os ritmos da comunidade e a participação das crianças nas atividades familiares. Em ambas as histórias, ensinar significava olhar para os estudantes como pessoas inseridas em uma realidade social concreta.

As contribuições de Freire (1996, p. 47), Caldart (2004, p. 149-150), Arroyo (2012, p. 29), Barros (2004, p. 25; p. 33) e Rüsen (2020) ajudaram a interpretar as narrativas sem apagar sua dimensão humana. Esses autores permitiram compreender que as experiências das professoras não são histórias isoladas: elas fazem parte de questões mais amplas sobre educação, território, memória, trabalho docente e direitos.

Os resultados também mostram que a memória das professoras não deve ser compreendida apenas como lembrança pessoal. Ela possui valor coletivo porque ajuda a reconstruir parte da trajetória da Escola Ruy Alcântara de Albuquerque e da comunidade. Ao ouvir essas mulheres, foi possível perceber aspectos do cotidiano que dificilmente apareceriam somente em documentos institucionais. As narrativas

revelam sentimentos, dificuldades, escolhas e pequenas conquistas que compõem a história da educação local.

Encerrar esta pesquisa, portanto, significa reconhecer que a história da escola também está nas vozes de quem caminhou por suas estradas, enfrentou suas limitações e acreditou na aprendizagem de seus alunos. As experiências de Eliete e Ester mostram que educar na zona rural foi, e continua sendo, uma prática que exige presença, sensibilidade e compromisso. Suas memórias revelam que cada aula, cada esforço e cada conquista dos estudantes fizeram parte de uma história maior.

Preservar essas narrativas é uma forma de reconhecer o valor do trabalho docente e de fortalecer a memória da comunidade. Mais do que registrar um passado, este estudo convida a olhar para o presente e para o futuro, pensando em uma educação que respeite os sujeitos, seus saberes e suas formas de viver. Nesse sentido, a memória não representa apenas aquilo que ficou para trás: ela também ajuda a orientar os caminhos que ainda podem ser construídos.

Como resultado, esta pesquisa deixa como contribuição a valorização de duas trajetórias femininas que, por meio da educação, marcaram a vida de muitas crianças e da própria comunidade. As histórias contadas por Eliete e Ester mostram que, mesmo diante das dificuldades, sempre houve espaço para esperança. É nessa dimensão humana que reside uma das maiores contribuições de suas memórias para a história da educação na zona rural de Autazes.

Fontes Orais (Entrevistas)

CARNEIRO, Eliete Nakajima, **entrevista concedida a Regeane Nogueira de Araujo**, na Comunidade Vila de Urucurituba – AM, no dia 20 de janeiro de 2026.

ALMEIDA, Ester Pereira de. **entrevista concedida a Regeane Nogueira de Araujo**, na comunidade Vila de Urucurituba, Autazes – AM, em 15 de fevereiro de 2026.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel G. **Escola**: terra de direitos. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RÜSEN, Jörn. **Consciência histórica como tema da didática da história**. Metis – História & Cultura, Caxias do Sul, v. 19, n. 38, p. 16-22, 2020.